

10.4025/6cih.pphuem.587

O Batllismo e a modernização uruguaia em “*dactilógrafo*” de Mario

Benedetti

Gabriel Macêdo Poeys (UFRJ/SEEDUC)

Introdução

La historia es una red y no una vía
(Jorge Drexler)

A proposta deste artigo é o estudo do contexto histórico e social do Uruguai, não só do período histórico em que o poema *dactilógrafo* foi escrito, mas também da primeira metade do século XX, por entender que esse período possui importância substancial para que as obras de Mario Benedetti pudessem ter significativa repercussão nos debates sobre literatura hispano-americana. Além disso, esse período marca a ascensão do país ao patamar de país moderno, não só na estrutura como também no pensamento. É a partir do advento da modernização do país, que os escritores supracitados puderam difundir seu realismo urbano. Para iniciar tal investigação histórica lançar-se-á mão da leitura de historiadores uruguaios e americanos.

Entre a colonização e a modernização, o país submerge em diversos movimentos de independência e guerras civis. O bipartidarismo está representado pelos partidos: branco e colorado, que disputaram a presidência do país nos anos que decorreram. Os brancos, historicamente concentrados no campo, foram se identificando com a nacionalidade oriental e com a autoridade que advinha da tradição colonial espanhola. Enquanto isso, os colorados se encontravam em maior número na cidade, tinham cada vez mais contatos com estrangeiros, principalmente os europeus. Essa troca de ideias e o espelho nas instituições europeias os caracterizam por serem mais liberais, muito mais abertos ao mundo e aos imigrantes.

É no início do século XX que o país sofre um forte impulso nos processos de modernização. As eleições de 1903 deram início ao que se conhece como era Batllista, quando o caudilho José Batlle y Ordóñez assume a presidência uruguaia. Vindo de uma família tradicional, a qual, outros membros desta já haviam assumido o cargo máximo do país, Batlle y Ordóñez alavanca o país ao patamar de Nação

Moderna através de reformas sociais e econômicas. Inicia-se no Uruguai um momento áureo de desenvolvimento econômico, social e justo que o faz merecer o apelido de *Suíça da América* ou *Tacita de Plata*. Cria-se a legenda de que não há país como Uruguai e que um lugar com pessoas extremamente polidas além de extrema rigidez com que é vista a educação justificam sua fama.

O Batllismo e a Modernização Uruguia

Sean los orientales tan ilustrados como valientes.
(Artigas)

Artigas e Batlle são figuras antagônicas ideologicamente, no entanto podem ser lidos sob a mesma luz: modernizar o Uruguai. Enquanto o primeiro lutava pelas classes rurais e tinha sua figura ligada a ideias sociais, o segundo advinha de família aristocrata colonial, as mesmas que haviam atravancado os projetos sociais do General e herói da revolução Batlle não estava disposto a vincular sua imagem com a de Artigas, no entanto o lema do general guiou-o, ainda que não assumidamente, através das medidas sociais adotadas para a modernização do país. Ambos queriam que o Uruguai fosse um país moderno.

Entende-se por batllismo o período que compreende o governo do caudilho Jose Batlle y Ordóñez perfazendo dois mandados e a influência do estado na sociedade e na economia, moldando-a, intervindo quando julgava necessário. No início do século XX, em 1903, ele assume o mandato e a responsabilidade de modernizar o país que se desenvolvia entre os dois grandes da América do Sul. Brasil e Argentina despontaram como as duas potências econômicas e industriais da América em desenvolvimento o que tornava o Uruguai numa espécie de *estado tampão*, outrora representante dos interesses ingleses, mas que, no entanto, encontrava-se livre para se desenvolver plenamente. E com o projeto de Batlle y Ordóñez, não mais a sombra de Brasil e Argentina.

Uma das primeiras medidas tomadas pelo novo governante foi modernizar a capital, atraindo assim uma quantidade massiva de pessoas. Esse processo migratório do campo para a cidade pode ser observado em toda a América Latina de forma bem parecida e seus resultados foram basicamente o esvaziamento do

campo e a superlotação das principais cidades. Montevideu estava, neste momento, perdendo a sua histórica característica de cidade fortificada, a cidadela murada, que um dia protegera o estuário do Rio da Prata, junto com Colônia do Sacramento e que passou anos murada, fechada a chegada de forasteiros.

Batlle também propôs não só mudanças estruturais na cidade, como também políticas. Seus pacotes de reformas sociais foram de vital importância para a modernização do país, não só pelo contexto em que estava inserido, mas pela visão que o presidente teve. Como se percebe em (ARTEAGA, 2008, p. 116-117):

Batlle demonstrou ser um homem permeável às mudanças, que soube representar uma nova sociedade de imigrantes, urbana e agrária, porque não há de se esquecer que a vinda de tantos imigrantes italianos e canários desenvolveram a vitivinicultura e a horticultura(...)

O fenômeno moderno que caracteriza a economia e a sociedade uruguaia tem início, como demonstrou o historiador uruguaio Juan José Arteaga (2008: 115) com o primeiro mandato de José Batlle y Ordoñez, presidente nos períodos de 1903 à 1907 e de 1911 à 1915: “no início do século XX o Uruguai tinha um milhão de habitantes [...] e se encontrava numa etapa de pleno desenvolvimento”. A família Batlle foi uma importante casa que comandou o país em condições e períodos diferentes. José Batlle y Ordoñez é responsável pela nacionalização da economia, ele diversifica e moderniza a estrutura produtiva uruguaia protegendo assim, o país da insegurança do comércio internacional.

Batlle possuía um pensamento liberal, nutrido pelas suas viagens à Europa no período em que alternou o exercício na presidência. Tornou a economia mais dinâmica e rompeu com a igreja católica seguindo as correntes dos países europeus, tornando-se, laico. A modernização do Uruguai se dá por medidas impostas pelo governo federal. Estas abarcam reformas políticas e sociais que garantiram ao país ascender ao patamar de “Suíça da América”. Durante um tempo perpetuou-se a lenda: “não há lugar como o Uruguai”, fazendo menção ao período áureo de justiça e igualdade social ao qual disfrutavam os orientais, além da preocupação com a polidez e a educação. O país logo se tornou uma exceção na América Latina e, alimentado pelas Guerras Mundiais e pela Guerra da Coreia, em

que forneceu produtos manufaturados, logo, passou a ter capital transnacional alimentando sua economia, não se preocupando com maneiras de perpetuar a sua riqueza.

O Batllismo tinha três grandes metas para caracterizar sua estratégia de desenvolvimento. Eram elas: modernizar e diversificar a estrutura produtiva, além de nacionalizar a economia, reduzindo assim a exposição e a insegurança aos índices do comércio internacional aliado ao fato de incentivar a redistribuição dos postos de trabalho, apoiando assim, o acesso aos bens de consumo e serviços. Essas metas ajudaram ao Uruguai a ascender entre os principais países do cone sul. A modernização do país seguiu rumos distintos do liberalismo econômico mundial, uma vez que Batlle alterna seu pensamento liberal que não significa liberalismo econômico. O Uruguai experimenta um crescimento interno muito alimentado pelo Estado. A nação intervinha e promovia o bem-estar social, o batllismo propunha a luta contra os grandes latifúndios, que significava lutar contra valores arraigados de um período colonial que se queria deixar de lado. A meta de Batlle era que os jovens uruguaios estudassem em escolas públicas laicas e que os casamentos se realizassem de maneira civil. Apoiava também o acesso das mulheres ao ensino superior. Quanto mais pessoas bem formadas e informadas o país obtivesse melhor seriam os serviços e, de preferência, tudo deveria ser feito com capital nacional e separado da igreja.

Quando Roosevelt propõe a intervenção do estado pós-crise de 29, a mesma medida já havia sido adotada no Uruguai anos antes. Experiente, o presidente fortalece o país antes da crise. Esta atingiu o Uruguai como aos demais países de economia dependente, no entanto, alguns anos mais tarde, incentivos foram dados aos industriais que apoiados por medidas protetoras fizeram o país crescer consideravelmente nos anos subsequentes a 1935, quando se outorgou uma lei que lhes assegurava crescimento mediante a expansão de franquias no país ou ampliações nas instalações industriais. Esse crescimento do país, graças a fatores externos e incentivos do governo, proporcionou aos uruguaios a falsa impressão de crescimento pelo investimento no setor em que seria mais rentável: a

exportação de produtos agrários e manufaturados. O nível do rebanho bovino e caprino uruguaio é de excelente qualidade, tornando a carne e o couro produtos de primeira linha. É importante perceber que ao alimentar as duas guerras mundiais, o país não lançou mão em investir em outros setores, ficando à mercê do vai-e-vem da economia mundial. A fragilidade do país começa a se tornar cada vez mais perceptível e subjaz no marasmo econômico dos anos subsequentes.

A grande responsável pela popularidade do presidente é a popularização do rádio que aliado às conquistas futebolísticas nas olimpíadas de 1924 e 1928 como salientou Ana Freaga em:

Nos anos vinte, o futebol era já, sem dúvidas, o grande espetáculo de massas no Uruguai. Os triunfos obtidos pela seleção nacional nos torneios sul-americanos e, mais ainda, nas olimpíadas de Paris (1924) e Amsterdam (1928) – que equivalem a aos campeonatos mundiais, quando estes ainda não existiam – foram decisivos na conquista dessa popularidade. Tão decisivos como o rádio. [...] A política descobria simultaneamente a potencialidade daquele meio de comunicação: em novembro de 1922 [...] Batlle y Ordóñez pronunciou o primeiro discurso político emitido por uma rádio no Uruguai. E a política também se aproximaria do futebol, reconhecendo os benefícios de se associar a um esporte popular em tempos de ampliação do eleitorado e eleições tenazmente disputadas. (FREAGA, 2008, p. 71)

Associar-se às massas através do rádio e do futebol é um importante foco do presidente uruguaio e lhe proporcionava uma exposição muito maior, aliado ao fato que seu irmão era proprietário do único jornal que cobriu a conquista da primeira medalha olímpica uruguaia em 1924. Esses fatores são responsáveis por criar com estrangeiros, que eram fortemente presentes na composição da população, laços mais familiares com a terra que ocupavam, nacionalizando-os.

Mas é preciso que se compreenda que antes de dar um salto em direção à modernização de sua capital e de todo o país, deve-se considerar que isso não é um processo isolado e que só se dá quando o país se encontra em pleno desenvolvimento, já que não estava mais às voltas com guerras civis. A grande maioria dos países latino-americanos recebe um massivo número de pessoas com a modernização das principais cidades. O país é norteador pela burocratização de seus mecanismos públicos funcionais assumindo claramente a postura de crescimento econômico no início do século XX. Batlle foi o responsável pelo

crescimento uruguaio, mas ele prosseguiu o caminho bem sucedido traçado por seus antecessores, como apontou Arteaga em:

Battle foi o grande protagonista deste período, mas não o único. Suas transformações foram possíveis porque havia herdado um país moderno e próspero, uma tarefa que havia se intensificado em 1876 a diante. Os demais partidos do sistema político também fizeram importantes aportes ao crescimento da sociedade uruguaia: os nacionalistas de Saraiva y Herrera a os direitos eleitorais, os socialistas de Emilio Frugoni a consciência social e sindical, os cívicos de Secco Illa y Zorrilla a tolerância religiosa. (ARTEAGA, 2008, p. 149)

Neste novo estado nacional cada vez mais poderoso, “burocraticamente estruturado e gerido”, proposto por Marshall Berman, se dá a explosão demográfica característica dos países latino-americanos, desde as primeiras décadas do século XX, logo se transferiu do campo para a cidade, fato que se apresentou como um problema para as gerações posteriores. As pessoas, arrancadas do seu *habitat* ancestral, são empurradas para sua nova vida, por vezes catastróficas, e mergulhadas na burocracia de uma cidade que estava num processo de crescimento populacional constante. Confirma-se o acima exposto com a seguinte afirmação de Romero (2004, p. 356) ao enunciar que:

Nas primeiras décadas do século XX, ocorreu em quase todos os países latino-americanos com diferente intensidade uma explosão demográfica e social cujos efeitos não demoraram a ser observados. [...] Houve, notoriamente, um crescimento da população com clara tendência a aumentar.

Entre a Prosperidade e a Perplexidade

O hiato ao qual se refere é o período que compreende as décadas de 1950 e 1960. Nelas, diversos sentimentos se aglutinam. O Uruguai atinge o ápice de sua produção industrial, crescimento populacional e desenvolvimento social. É um país ímpar no continente americano, representa os ideais do povo e por ele é adorado. Os uruguaios são e se auto-intitulam: orientais, que para um uruguaio é tem mais força que seu gentílico habitual. Nos primeiros dez anos do hiato, Benedetti escreve *Montevideanos* e dá conta de uma realidade que não era habitual do montevideano. A crise se instaurara e o declínio da nação era notório. A bonança dá lugar a

inquietação e o surgimento de uma nova classe social e, por conseguinte, de uma corrida por postos de empregos públicos - a única estabilidade que se podia enxergar nesse horizonte de incertezas.

As eleições no início desta década haviam dado uma ampla vitória a Tomás Berreta, membro do partido Colorado e leal aos ideais Batllistas que alavancaram o país social e economicamente. Berreta, que era um caudilho de Canelones, no interior do país, no entanto o novo presidente não permaneceu muito tempo em suas funções, vindo a falecer seis meses depois, no mesmo ano. Assume, Luis Batlle Berres, órfão criado com o tio, quem teve fortuita influência em suas aspirações políticas. Esse retorno da casa dos Batlle a presidência fica conhecido como *Neo-batllismo*. Esse modelo vivenciou uma crise que se iniciara na década de 1930 com a depressão americana e que sofreram os países que basearam sua economia nas exportações como bem salientou Bettel: “a depressão significou o fim da era do crescimento induzido pelas exportações.” (BETTHEL, 2002, p. 03).

O *Neo-batllismo*, por sua vez, mantém características do anterior, como percebeu Arteaga:

Ambos compartilhavam o mesmo pensamento sobre o papel do estado frente o mundo do trabalho. Ambos compartilhavam o mesmo humanismo, base da sensibilidade social que Batlle Berres expressou tão claramente (...). Ambos Batlle mantiveram o modelo de estado intervencionista e de economia dirigida. Ambos foram industrialistas, baseando-se no mesmo modelo de substituições de importações e usando o mercado interno como motor. O que ficou conhecido como crescimento para dentro. (ARTEAGA, 2008, p. 185)

De 1945 à 1955 ocorreu o auge da produção industrial do país. Seu desenvolvimento atinge patamares que fazem o slogan: Uruguai feliz ou como no Uruguai não há, tornarem-se populares. O Neo-batllismo retomou as ambiciosas metas do Batllismo, sua tradição reformista e suas características sociais, econômicas e ideológicas.

O país sofre com a estagnação do setor industrial em meados dos anos 50, além disso, as intervenções norte-americanas que limitam a competição igualitária entre os dois países na exportação de lã. Ao passo que os Estados Unidos deixam

de consumir lã uruguaia, passam a produzi-la, e exportá-la a preços com os quais o país não podia competir. Houve também, a inserção deste no mercado de exportação de produtos que antes eram característicos uruguaios. O protecionismo nas negociações com compradores estrangeiros fez com que o Uruguai enfrentasse uma estagnação nunca vista.

Uruguai vive um turbilhão uma vez que passa desocupar o lugar próspero que ocupara um dia. O novo trabalhador urbano é o responsável por caracterizar o período em que o Uruguai atravessa uma crise que junto com a modernidade caracteriza seus personagens.

Ser moderno é viver uma vida em paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas [...] (BERMAN, 2007, p. 24)

As obras de Benedetti se confrontam com a liquidez das relações intrapessoais, como percebeu Bauman:

Os primeiros sólidos a derreter, e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam os pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas. (BAUMAN, 2001, p. 10)

Com a crise de 1950 o Uruguai sofre o percalço de não ter subsídios para se manter como percebe a professora Miriam Lidia Volpe:

Sustentado por uma economia circunstancialmente propícia, sem que se planejassem reformas nas bases de produção de riquezas, conseguiram sobreviver, transitoriamente, pelas boas comercializações de produtos agropecuários durante a segunda guerra Mundial e a Guerra da Coréia. Mas, por trás desse aparente bem-estar, não havia pilares de sustentação e por volta de fins dos anos 50, surgiram problemas de todas as ordens. (VOLPE, 2002, p. 61)

Assim, começa o declínio da economia uruguaia, com isso começa no país uma reflexão mais profunda sobre o lugar do seu discurso, afinal a relevância cultural atrela-se ao poder econômico de uma nação bem como a sua tradição literária. O Uruguai é um país recente e com uma economia fragilizada que vê a ascensão de intelectuais como: Juan Carlos Onetti, Eduardo Galeano e Mario Benedetti.

A década de 1950 é limiar de um país que se deparara com uma política de enriquecimento débil e sem bases para um posterior período de escassez no escoamento da produção. Inevitavelmente quando isso ocorre o uruguaio passa a desenvolver uma nova relação com a sua realidade. Ele se vê imerso num mundo que não conhecia, pois vivera em um dos países mais promissores da América Latina e deste já não sobra muito. Agora, como o destino unido aos demais do cone Sul, não mais o prodígio da América, o Uruguai se encontra perplexo frente a seu destino. No entanto sem nunca esquecer o passado glorioso que norteia os transeuntes da *18 de Julio*, os montevidéanos. Como bem salientou Benedetti em sua obra *Perplexidades de fin de siglo* (1993):

El pasado es siempre una morada. [...] no podremos evitar que una parte de nosotros quede allí, coleccionando goces o rencores, transmutando los modificados hechos, en delirios, visiones o pesadillas. [...] El olvido es, antes que nada, aquello que queremos olvidar, pero nunca ha sido factor de avance. No podremos llegar a ser vanguardia de nada ni de nadie, ni siquiera de nosotros mismos, si irresponsablemente decidimos que el pasado no existe. (BENEDETTI, 1993, p. 13)

Uma nova classe social emerge deste turbilhão de acontecimentos como resposta a meio século de história e em consonância à nova realidade que emerge: O escriturário público. Logo este arquétipo é absorvido e representado pela literatura como se pode perceber na composição poética de Mario Benedetti “Dactilógrafo” presente no livro *Poemas de la oficina* (1956):

Dactilógrafo

Montevideo quince de noviembre
de mil novecientos cincuenta y cinco
Montevideo era verde en mi infancia
absolutamente verde y con tranvías
muy señor nuestro por la presente
yo tuve un libro del que podía leer
veinticinco centímetros por noche [...]

No poema percebemos a convivência harmoniosa entre duas vozes. Ambos representam a natureza díspar da modernidade. Embora não dialoguem entre si, essas vozes coexistem e dividem o mesmo espaço físico, o poema. O eu - lírico, o datilógrafo, representa o escriturário, a figura típica emergente na sociedade uruguaia. Ele convive com a burocracia e a arte, sincretizando-as. Na composição poética, esse enfrentamento é uma resposta a um estímulo, a busca da arte, da

10.4025/6cih.pphuem.587

beleza no cotidiano, ou seja, na burocracia. O texto assinala a não permanência de Montevideu como era em na infância do eu - lírico, ele afirma que a cidade está diferente, não só por que ela mudou, mas porque ele, através da massiva tecnocracia alterou sua maneira de vê-la. O poema tem uma estrutura física única, mas transpassado por vozes que se alternam, incorporando o espírito moderno. Nele, uma voz não dialoga com a outra, no entanto, por dividirem o mesmo espaço elas criam significado. Para diferenciá-las, por exemplo, ao declamá-lo, Benedetti alterava o tom de voz, para deixar claro, que ali estavam duas individualidades. Montevideu era verde, absolutamente verde, uma vez que a modernidade traz com ela o cinza, o concreto.

[...] y después del libro
yo quería pensar en cómo sería eso
de no ser de caer como piedra en un pozo
comunicamos a usted que en esta fecha
hemos efectuado por su cuenta
quién era ah sí mi madre se acercaba
y prendía la luz y no te asustes
y después la apagaba antes que me durmiera
el pago de trescientos doce pesos
a la firma Menéndez & Solari [...]

O texto rememora um período pueril em que a leitura e as recompensas maternas valiam como ouro e eram disputadas bravamente. Permeia a imaginação típica das crianças, e os sonhos que refletem no papel os desejos do infante. O poeta relembra a cidade que conhecera na pureza de seus jovens anos e chama atenção para o verde suprimido pela modernidade. Benedetti em entrevistas afirma não reconhecer Montevideu depois de seu exílio, tamanha é a ausência de árvores, segundo ele, foi o que primeiro lhe chamou a atenção.

[...] y sólo veía sombras como caballos
y elefantes y monstruos casi hombres
y sin embargo aquello era mejor
que pensarme sin la savia del miedo
desaparecido como se acostumbra
en un todo de acuerdo con sus órdenes
de fecha siete del corriente
eran tan diferente era verde
absolutamente verde y con tranvías [...]

A segunda voz do texto, monótona, desprovida de imaginação e extremamente ligada à burocracia emergente na época, representa o marasmo uruguaio. A população encarou de tal maneira a crise que lhe restou o aparato burocrático em que se sustentar. Restaram-lhe os ofícios e notas, a papelada inerente à burocracia para ancorar-lhes frente ao futuro fluido em que se encontram. Os montevidianos líquidos agora vivem numa cidade de papel, insegura e avessa a sua natureza. O Datilografo no escritório pode se comparar aos funcionários das repartições públicas do país.

Esse poema, além de dar conta de uma realidade nova para o Uruguai representa artisticamente uma realidade que arrola na modernidade. A convivência dos antagonismos. O discurso de um presidente liberal que promove a modernização libertando-se de valores ancestrais religiosos, mas que mantém viva a identidade cultural camponesa, separada, é claro das suas perniciosidades como o latifúndio. Uma população que migra do interior para a capital, mas que logo se sentem montevidianos natos.

[...] y qué optimismo tener la ventanilla
sentirse dueño de la calle que baja
jugar con los números de las puertas cerradas
y apostar consigo mismo en términos severos
rogámosle acusar recibo lo antes posible
si terminaba en cuatro o trece o diecisiete
era que iba a reír o a perder o a morirme [...]

No Uruguai esses antagonismos se atraem, “se procuram, suavemente se tocam, morosamente se enlaçam, formado um terceiro tom” (DRUMMOND, 2005, pp 178-181) ao alternar o moderno e arcaico. Ilustram-se, pois, na obra de Benedetti o embate entre o jovem e o velho, o poeta e o burocrata, e, sobretudo, Europa e América Latina.

[...] de esta comunicación a fin de que podamos
y hacerme tan sólo una trampa por cuadra
registrarlo en su cuenta corriente
absolutamente verde y con tranvías
y el Prado con caminos de hojas secas
y el olor a eucaliptus y a temprano
saludamos a usted atentamente
y desde allí los años y quién sabe.

(BENEDETTI,1993, p. 569-570)

As transformações Batllistas são o combustível para um país moderno, são as chaves que abrem as portas para uma nova realidade para os uruguaios. Montevideú é o resultado de uma complexa equação de liberalismo e manutenção da cultura popular, de um discutido populismo e do fim do colonialismo, aliado à expansão de um modelo estrangeiro adaptado à realidade da comarca. A cidade consegue abrigar antagonismos e manter valores ancestrais na modernidade. O antigo e o novo permeiam o discurso e a vida das pessoas, antes e depois da crise, sobretudo depois dela, quando o marasmo dá impressão de um retrocesso, este por sua vez é abarcado pela modernidade como possibilidade. Batlle mudou os rumos uruguaios, lançou o país num turbilhão de transformações que já haviam alcançado outras nações do mundo.

Referências Bibliográficas:

ARTEAGA, Juan José. *Breve historia contemporánea del Uruguay*. – 1ª Ed. – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENEDETTI, Mario. *El escritor latinoamericano y La revolución posible*. Editorial Nueva Imagen, S.A. México D.F. 1977.

_____ *Inventario. Poesía*. Seix Barral. Buenos Aires, 1993.

_____ *Perplejidades de fin de siglo*. Editorial Sudamericana. Buenos Aires, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BETTHEL, Leslie. *Historia de América Latina*. Trad.de Jordi Beltrán Barcelona, Editorial Crítica, 2002.

JOZEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. 4.ed rev. e ampl. – Rio de Janeiro. Editora UFRJ; Francisco Alves Editora, 2005.

NAHUM, Benjamín. *Breve historia del Uruguay Independiente*. Montevideo: Ediciones de la banda oriental, 2008.

10.4025/6cih.pphuem.587

ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as idéias*. Trad. Bella Jozef. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

VOLPE, Miriam Lidia. "A transgressão do discurso latino-americano em Mario Benedetti". In: *Ipotesi: revista de estudos literários*, Juiz de Fora, UFJF, v. 6. nº. 2, pp. 59-73, jul./dez. 2002.